

POR UMA GRAMÁTICA ENUNCIATIVA: O PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES E O PROCLAMAR EXISTÊNCIA

FOR AN ENUNCIATIVE GRAMMAR: THE PRETÉRITO PERFEITO SIMPLES IN PROCLAIMING EXISTENCE

Márcia Romero¹

RESUMO: O trabalho apresenta resultados provenientes de estudos por nós efetuados nas últimas duas décadas sobre os valores semânticos adquiridos pelo Pretérito Perfeito Simples (PPS) em português brasileiro e os princípios enunciativos que os sustentam. Fundamentado na Teoria das Operações Enunciativas, propõe-se a refletir sobre o “proclamar existência”, operação constitutiva da atividade de linguagem que, ao se manifestar em determinados empregos do PPS, conduz a repensar a fórmula temporal básica que o concebe como “tempo do passado”.

Palavras-chave: Descrição gramatical; princípios enunciativos; pretérito perfeito simples.

ABSTRACT: This paper presents results from studies conducted by us over the past two decades on the semantic values acquired by the *Pretérito Perfeito Simples* (PPS) in Brazilian Portuguese and the enunciative principles that underpin them. Based on the Theory of Enunciative Operations, we aim to reflect on proclaiming existence, a constitutive operation of language activity that, when manifested in certain uses of the PPS, leads to a reconsideration of the basic temporal formula that defines it as a “past tense.”

Keywords: Grammatical description; enunciative principles; *pretérito perfeito simples*.

1 Introdução

Os fatos de língua que ora tratamos e a operação linguageira que os sustenta, tal como os discutimos aqui, embora os abordemos nestes termos pela primeira vez, vêm de reflexões pautadas em uma longa trajetória de estudos, que se inicia com a apresentação feita no 14º Intercâmbio de Pesquisa em Lingüística Aplicada – InPLA, PUC-SP, em abril de 2004, sob o título “A função verbal da marca *pretérito perfeito do indicativo*”, no âmbito do simpósio “A Teoria das Operações Enunciativas e o ensino de Língua Portuguesa”. O trabalho “Gramática operatória e ensino de línguas” (Romero-Lopes, 2007) confere novos desenvolvimentos ao tema

¹ Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Docente da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP, EFLCH, Departamento de Educação, PPGESIA) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, IL, PPGLet). Pesquisadora vinculada ao grupo de pesquisa NALingua (CNPq).

e é fruto da apresentação realizada no V Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da F.C.L. de Araraquara, ocorrido em outubro de 2005. Nestas apresentações e trabalho, o nosso propósito maior é o de contribuir com o ensino-aprendizagem de língua materna ao confrontar as descrições fornecidas ao Pretérito Perfeito Simples (PPS) com as possibilidades significativas próprias aos diferentes usos nos quais verbos no PPS se fazem presentes; ainda, é o de formalizar uma representação, mesmo que primária, das características observadas em seu funcionamento enunciativo.

A análise de dados oriundos da aquisição da linguagem (Romero, 2018a, 2022) e o estudo de objetos constitutivos do campo da Sociolinguística e da Semântica (Romero, 2020, 2021) evidenciam fenômenos de língua complementares àqueles por nós inicialmente examinados acerca do funcionamento enunciativo do PPS, sobretudo por ampliarem o escopo da discussão e apresentarem uma reflexão contundente sobre o sujeito sintático.

A título de ilustração, é o que se nota em *Sujou!*, que remete a uma situação não apropriada, não conveniente, da qual o locutor toma conhecimento no instante mesmo em que produz o enunciado, como se pode verificar no relato abaixo²:

Um jovem, de 21 anos, foi preso após gritar “sujou” para alertar comparsa ao avistar a Polícia Militar, em Montes Claros, no Norte de Minas.

De acordo com a Polícia Militar, ao perceber a presença policial pela rua Santo Inácio, no bairro Conferência Cristo Rei, o rapaz gritou “sujou”, por várias vezes para alertar o comparsa. Os militares avistaram quando o homem que realizava o tráfico de drogas em uma esquina fugiu correndo, entrou em um imóvel desabitado, escalou o muro dos fundos e não foi mais localizado.

Ou ainda, como se lê no título da seguinte notícia: *Sujou. Denúncia de compra de votos leva Polícia Federal a investigar campanha [...]*³.

Comumente caracterizados como gírias, estes empregos de *Sujou!* (ou *Sujou.*), ao lado de tantos outros como *Sextou!* ou *Fechou!*, este último em um enunciado como – *Passo pra te apanhar às 22h./ – Fechou!*⁴, revelam fenômenos significativos: não elaboram uma referência temporal “passada” e são construídos com o verbo na 3ª pessoa do singular sem que se admita a introdução de um pronome (*isso, ele, ela*) como sujeito sintático.

Neste trabalho, dedicamo-nos a explicar a operação linguageira que se encontra no fundamento de empregos como estes e que, a nosso ver, é uma das que despontam na fala da criança quando se analisam as relações predicativas verificadas no período da primeira sintaxe, em torno de dois anos de idade⁵. Para abordá-la, apresentamos, de modo sucinto, descrições gramaticais relativas ao PPS e contrapomos uma solução descritiva alternativa, de ordem enunciativa, suscetível de abranger os enunciados mencionados, considerando-se a operação linguageira em questão.

² Extraído de *WebTerra*. Disponível em: <<https://webterra.com.br/2020/09/03/suspeito-grita-sujou-para-alertar-comparsa-ao-avistar-a-pm-e-e-preso-em-montes-claros/>>. Acesso em: 15 nov 24

³ Extraído de *A Seguir: Niterói por Niterói*. Disponível em: <<https://aseguirniteroi.com.br/noticias/>>. Acesso em: 15 nov 24

⁴ Ver também *Fechou, então! No domingo estarei lá*, exemplo extraído de *São Paulo Secreto*. Disponível em: <<https://saopaulosecreto.com/35-expressoes-que-todo-paulistano-conhece/>>. Acesso em: 15 nov 24

⁵ No que se refere à discussão de exemplos próprios à aquisição da linguagem, ver Romero (2018a, 2022).

2 Por uma descrição enunciativa – e operatória – do PPS

Retomamos, nesta seção, algumas das colocações feitas em Romero-Lopes (2007) sobre as descrições gramaticais relativas ao PPS, acrescidas de considerações adicionais que, na verdade, pouco somam ao que foi dito. O intuito é mais o de apresentar um estado da arte no que diz respeito às referidas descrições⁶.

À época, observamos que diferentes obras, em linhas gerais, “consagram o Pretérito Perfeito como denotador de uma ação que se produziu em um certo momento do passado” (Romero-Lopes, 2007, p. 87), observação à qual acrescentávamos que:

Inúmeros de seus empregos evidenciam valores semânticos que não podem ser explicados se nos detivermos nas definições que postulam ser esse tempo indicador de “[...] uma ação completamente concluída, [de] uma ação que se produziu em certo momento do passado e que se afasta do presente” (Cunha, Cintra, 1985, p. 443), ou o tempo cujo “[...] ponto terminal [da constituição interna do fato verbal é visto] como anterior ao ponto-dêitico da enunciação” (Costa, 2002, p. 49), ou, por fim, o tempo cujo momento da realização da ação expressa pelo verbo, ME, que, identificado pelo momento de referência, MR, são vistos como anteriores ao momento da fala” (Reichenbach apud Ilari, 1997, p. 16). (Romero-Lopes, 2007, p. 87)

Em 2008, é publicado o segundo volume da *Gramática do Português Culto falado no Brasil*, organizado por R. Ilari e M. H. M. Neves. No capítulo destinado ao verbo, Ilari e Basso, em sua descrição dos tempos verbais, guardam os três “momentos de Reichenbach” (Ilari, Basso, 2008, p. 245) e atribuem aos usos considerados mais comuns do PPS uma fórmula temporal básica ao afirmarem que, “[...] se nos prendermos a um ponto de vista exclusivamente temporal, deixando de lado considerações aspectuais e discursivas, o imperfeito e o perfeito do indicativo são simplesmente dois passados: apresentam simultaneidade de ME e MR, anteriores ao MF” (Ilari, Basso, 2008, p. 251-252). Salvo engano de nossa parte, não há, contudo, em outras seções que constam deste capítulo, explicações que permitam compreender os empregos do PPS por nós mencionados na Introdução, empregos que acreditamos ter se tornado igualmente um uso comum. Certamente, entre eles, há empregos mais atuais, como é o caso de *Sextou!*⁷, mas a operação que sustenta esta produção do ponto de vista do PPS, conforme tratamos mais à frente, também se faz presente em outros enunciados, o que atesta a sua produtividade no português brasileiro.

Já na *Nova Gramática do Português Brasileiro* (Castilho, 2019), ao serem abordadas questões relativas ao tempo, observam-se algumas afirmações preliminares: de um lado, a de ser “praticamente impossível descrever o tempo verbal sem considerar o aspecto ao mesmo tempo, [caso, por exemplo, do pretérito perfeito, que representa] os estados de coisa completados no

⁶ Sobre as perspectivas teóricas nas quais se fundamentam tais descrições, recomendamos a leitura das introduções presentes nas obras mencionadas.

⁷ A título de curiosidade, noticia-se que *Sextou!* é a gíria mais falada por brasileiros em 2023. Ver *Estado de Minas*. Disponível em <<https://www.em.com.br/app/noticia/empresas/2023/06/09/interna-empresas,1505078/sextou-e-a-giria-mais-falada-pelos-brasileiros-veja-a-lista-completa>>. Acesso em: 15 nov 24

passado (como em *eu fiz*) [...]. O termo *perfeito* usado na nomenclatura dessa forma remete ao aspecto perfectivo” (Castilho, 2019, p. 431); de outro, a de existirem três situações de uso, abaixo discriminadas:

1. Quando o falante descreve um estado de coisas coincidente com o tempo cronológico, temos os usos do *tempo real*.
2. Quando o falante se desloca para um espaço-tempo imaginário, que não coincide com o seu tempo real, temos os usos do *tempo fictício*. Ele lançará mão dos “usos metafóricos das formas verbais”, arrastando consigo sua simultaneidade/ anterioridade/ posterioridade⁸. A terminologia adotada pelos descritores do tempo tenta apanhar essas metáforas, quando aludem ao presente universal (presente extenso/presente das verdades eternas/presente genérico, situado no domínio da vagueza), ao presente histórico (= o passado, no tempo cronológico), ao *praesens pro futuro* (= o futuro, no tempo cronológico) etc. Desnecessário dizer que não há sinonímia absoluta entre o tempo fictício e o tempo real.
3. Finalmente, quando o falante se desloca para o domínio do vago, do impreciso, igualmente não coincidente com o tempo real, ele estará fazendo um *uso atemporal* das formas verbais. (Castilho, 2019, p. 432)

Tais afirmações conduzem, de certo modo, a uma tipologia de empregos do PPS, cada um deles sendo associado a uma das situações de uso acima expostas:

- A) Pretérito perfeito simples
- (113) Pretérito perfeito real, indicando anterioridade
- a) Pretérito pontual: *Andou um pouco e **caiu** logo em seguida.*
 - b) Pretérito durativo: ***Andou** um pouco e caiu logo em seguida.*
 - c) Pretérito iterativo: ***Perdi** sempre no jogo de bicho.*
- (114) Pretérito perfeito metafórico
- a) Pelo imperfeito: *Quando trabalhei lá, eu o **vi** diariamente.*
 - b) Pelo mais-que-perfeito: *Eu **avisei** que o padeiro tinha chegado, por que você não saiu logo para comprar o pão?*
 - c) Pelo futuro do presente: *Bateu em meu filho! **Morreu!***
 - d) Pelo futuro do presente composto: *Pode passar por aqui às seis horas, porque até lá já **acabei** o trabalho.*
 - e) Pelo pretérito perfeito do subjuntivo: *Quem o **fez** que o diga!*

⁸ Acima desta passagem, o autor, ao tratar do *tempo real*, trata da simultaneidade/ anterioridade/ posterioridade nos seguintes termos: “[...] não utilizamos as formas temporais unicamente para fixar cronologias de estados de coisa, situando-nos num tempo real, mensurável pelo relógio, descrito em termos de: - tempo simultâneo ao ato de fala, ou presente, - tempo anterior ao ato de fala, ou passado, - tempo posterior ao ato de fala, ou futuro, e, sim, igualmente, para nos deslocarmos livremente pela linha do tempo, de acordo com as nossas necessidades expressivas [...]”. (Castilho, 2019, p. 432). Este deslocar livremente manifesta-se pelos empregos metafóricos e atemporais do PPS igualmente citados.

(115) Pretérito perfeito atemporal

a) Pretérito aorístico: *Quem morreu, morreu.*

b) Pretérito nos marcadores discursivos: *Faça isso hoje, viu!*

(Castilho, 2019, p. 433)

Em suma, notamos que as descrições partem de um valor primeiro, o que se refere a “uma ação passada concluída”, tal como se lê em Cunha e Cintra (1985), ou de uma referência temporal igualmente considerada primeira, seja nos termos de Costa (2002), seja nos termos de Ilari e Basso (2008), que sustentam a simultaneidade de ME e MR, anteriores ao MF. No tocante a Castilho (2019), embora não haja outras colocações além daquelas mencionadas, considerando-se o quadro referencial adotado⁹ ao se falar em deslocamento para o domínio do espaço-tempo imaginário e para o domínio do vago, do impreciso, como se observam nas duas últimas situações de uso, infere-se que há um domínio de experiência primeiro, em que se descreve “um estado de coisas coincidente com o tempo cronológico”, i.e. os usos do *tempo real* que, no caso, indicam anterioridade.

Diferentemente destas descrições, que postulam ser a anterioridade de ordem temporal um traço distintivo do PPS, sustentamos que esta anterioridade resulta de um *esquema operatório invariante* constitutivo da identidade do PPS¹⁰. Em outras palavras, o PPS define-se por um esquema invariante que discrimina operações que se encontram no fundamento de suas ocorrências: “[t]rata-se de um conjunto de relações que formalizam o seu funcionamento semântico-enunciativo e que estão na base dos diferentes valores que o PPS ajuda a elaborar no enunciado, inclusive o de “fato do passado”, que nada mais é do que um valor entre outros” (Romero, 2022, p. 96).

Com efeito, para a Teoria das Operações Enunciativas (Culioli, 1990, 1999a, 1999b, 2018), quadro referencial no qual os diferentes estudos por nós efetuados se inscrevem, a linguagem, atividade significativa da espécie humana, consiste “em produzir e reconhecer formas enquanto traços de operações” (Culioli, 1990, p. 26). Por *formas*, entenda-se não apenas as formas empíricas, os enunciados, mas as operações mentais das quais se originam os seus agenciamentos, denominadas, estas, *formas abstratas*: “[...] trata-se aqui de formas abstratas que nós construímos a partir de uma forma empírica” (Culioli, 1990, p. 129). Como explica Culioli, busca-se reconstituir “as operações elementares, as regras e os esquemas, que geram as categorias gramaticais e os agenciamentos próprios a cada língua, em suma, [...] os invariantes que fundam

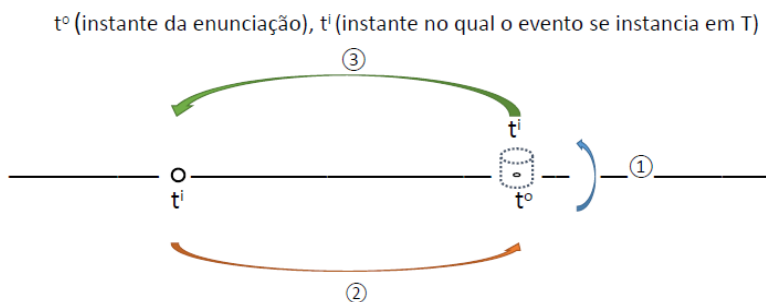
⁹ Ver Castilho (2019, p. 131), em que o autor trata da Metáfora e da Metonímia a partir de Lakoff e Johnson (1980/2002), obra referenciada no idioma original e na Edição em português: *Metaphors we live by*. Chicago and London: The University of Chicago Press. Edição em português: *Metáfora da vida cotidiana*. Trad. Vera Maluf. São Paulo: Editora da PUC-SP/Mercado das Letras, 2002.

¹⁰ Sobre *invariância* e *passado*, ver trabalho fundamental de De Vogüé (2006). Nele, lê-se a respeito do *passé composé* do francês, trazido aqui apenas como exemplo, que “[...] é difícil sustentar o *passé composé* do francês como uma marca de *feito*, *acabado* [*accompli* no original], quando se mostra que este mesmo *passé composé* admite precisamente os dois valores, de *feito*, *acabado* [no original, *accompli*] e do que *não perdura* [no original, *révolu*], polissemia que efetivamente se encontra no fundamento de todas as características do *passé composé*” (De Vogüé, 2006, p. 317). Em nota referente à passagem, a autora menciona Creissels, e diz: “E se acreditarmos em Creissels, esta variação não está reservada para o *passé composé* francês, longe disso: ela seria característica de todas as formas que chamamos perfeitos nas diversas línguas” (De Vogüé, 2006, p. 317, nota 15, cita Creissels, D. 1999: « Parfait et statif en tswana », in Vogeleer, S. et al. (eds.) *La modalité sous tous ses aspects*, Cahiers Chronos, 4, Rodopi, 185-202). As traduções dos textos originalmente escritos em francês são de nossa responsabilidade.

e ordenam a atividade de linguagem” (Culioli, 1999a, p. 96).

Voltando ao PPS, o esquema invariante que o define, no estado atual de nossa pesquisa, é representado na Figura 1 abaixo:

Figura 1: Esquema invariante do PPS



Este esquema mostra que o PPS mobiliza, sim, dois instantes, a saber, t^o , instante da enunciação, e t^i , instante no qual se instancia o evento P ou, mais precisamente, instante no qual o evento P se situa espaçotemporalmente. No entanto, na relação predicativa, as condições que determinam o vínculo entre eles respondem a três diferentes movimentos¹¹:

- ① indica que partimos do reconhecido (constatado) em t^o para reconstituir t^i , instante no qual o evento P se instancia e que é, ele próprio, indissociável de t^o ;
- ② indica que partimos da instanciação do evento P em t^i , instante anterior a t^o e dele distinto, para exprimir o que se observa em t^o ;
- ③ indica que partimos do reconhecido (constatado) em t^o para reconstituir t^i , instante no qual o evento P se instancia e que é anterior a t^o , *i.e.* dele distinto¹².

Em suma, “em ①, há indissociabilidade entre t^o e t^i , enquanto em ② e ③, os instantes se dissociam. Por outro lado, em ① e ③, coloca-se em evidência o constatado em t^o , diferentemente de ②” (Romero, 2022, p. 96-97). Não é insensato supor que, no fundamento do PPS, há parâmetros variáveis que, postos em relação, ordenam a variação. Não sabemos ainda como precisá-los e, por isso, referimo-nos apenas às propriedades: *reconhecido (constatado)*, que remete ao reconhecimento (constatação) de P em t^o , e *instanciado*, que remete ao situar espaçotemporal de P em t^i .

Vamos nos ater, portanto, a estas propriedades tal como elas se configuram em ①, mas não sem antes fornecer explicações sumárias a respeito destas propriedades apreendidas sob a ótica das configurações ② e ③.

¹¹ Ressalteemos que este esquema invariante consiste em uma tentativa de formalização dos diferentes movimentos enunciativos que se observam em português brasileiro, uma invariância “singular”, se pensarmos nos termos de De Vogüé (2006, p. 314 e 329), posto que especifica a esta língua e, ao mesmo tempo, manifestação de uma invariância de natureza languageira.

¹² Estes movimentos constam de Romero (2022, p. 96). Contudo, neste trabalho, são apresentados com reformulações. O mesmo vale para alguns dos enunciados abaixo analisados.

Consideremos o enunciado¹³:

(1) *Fui ao cinema assistir o filme “Ainda estou aqui”.*

Tido por canônico no que diz respeito aos empregos do PPS, este enunciado exemplifica a configuração ②. Nele, o ponto de partida da relação predicativa é o instanciar do evento P “ir ao cinema” no instante t^i anterior a t^o , instante da enunciação¹⁴. Observemos que o enunciado põe em evidência o instante no qual o evento P se instancia não apenas para exprimir uma relação de anterioridade temporal, mas para concebê-lo como o que desencadeia, em t^o , instante da enunciação, o fato de ser esse evento apreendido como *ocorrido*. Temos, assim, em t^i , o evento P situado no espaço-tempo e, em t^o , o fato de P “ir ao cinema” ser validado como *ida ocorrida*. De certo modo, se há um constatado (*ida ocorrida*), ele decorre do próprio instanciar de P em t^i . Daí, origina-se o valor de “fato do passado”.

Outro exemplo da configuração ② é exemplificado por:

(2) *Sequei a roupa no sol.*

Neste enunciado, o evento P “secar” instancia-se em t^i , instante anterior a t^o . Temos, uma vez mais, em t^i , o evento P situado espacotemporalmente e, em t^o , instante da enunciação, a validação de P por meio da apreensão de *a roupa* como *seca*.

Examinemos, por sua vez, o enunciado:

(3) *O(lha)! A camisa sujou.*

Este enunciado exemplifica a configuração ③. Ele tende a exprimir uma constatação por meio da qual se reconhece que alguém está com a camisa suja. Nele, o ponto de partida da relação predicativa é o reconhecimento de que há *a camisa suja* em t^o , instante da enunciação, o que leva a recuperar t^i , instante no qual o evento P “sujar” se instancia, anterior a t^o e dele distinto¹⁵. A dissociação entre t^o e t^i instaura a alteridade entre um antes (não sujar – *camisa limpa*) e um depois (sujar – *camisa suja*): antes de P instanciar-se em t^i , tem-se *camisa limpa*.

Enunciados dessa natureza tendem a evidenciar a qualidade atribuída em t^o , ou seja, o fato de *a camisa* estar *suja* no momento em que se produz o enunciado, ainda que, do ponto de vista temporal, haja um fato do passado¹⁶, posto que o evento P se instancia em t^i .

O mesmo raciocínio aplica-se a:

¹³ Em relação aos enunciados que ilustram as configurações ② e ③, são exemplos produzidos por nós e que, como falante, integram o nosso cotidiano.

¹⁴ Na Figura 1, é o que indica a direção da flecha [→].

¹⁵ Na Figura 1, é o que indica a direção da flecha [←].

¹⁶ Sobre a categoria do *passado*, ver De Vogüé (2006).

(4) *A roupa secou.*

Este enunciado exemplifica a configuração ③ pelo fato de, em t^o , instante da enunciação, se reconhecer que a roupa está seca. O reconhecimento de que há *roupa seca* em t^o , instante da enunciação, conduz a recuperar t^i , instante no qual o evento P “secar” se instancia, anterior a t^o e dele distinto: opõe-se um antes (não secar – *roupa úmida, molhada*) e um depois (secar – *roupa seca*)¹⁷.

É preciso deixar claro que, se se recupera t^i , é porque não temos uma simples atribuição de qualidade, caso de *A roupa está seca*. Com o PPS, há necessariamente o instanciar do evento P em t^i . Esta colocação é de grande importância.

Consideremos agora enunciados que nos interessam mais especificamente e que dizem respeito à configuração ①. Esta configuração é exemplificada por:

(5) *Sujou!*

Mais acima, na Introdução, dissemos que este enunciado remete a uma situação não apropriada, não conveniente, da qual o locutor toma conhecimento no instante mesmo em que produz o enunciado.

Na verdade, para sermos mais precisos, é necessário dizer que se apresenta ao locutor uma situação por ele qualificada de *ruim* no instante mesmo em que produz o enunciado. O verbo “sujar” relaciona-se à construção de uma representação ruim de algo, o que significa que, no enunciado, o verbo manifesta-se por meio de uma qualidade (*ruim, incômoda, constrangedora*, etc.), podendo ser outro o modo de a ela se referir.

Evidencia-se, assim, o constatado em t^o , o que se explica por meio do surgimento de uma situação que, por motivos vários, é qualificada como não apropriada, não conveniente, no exato instante em que ocorre a constatação. Decorrem daí contextualizações em que o locutor se vê pego de surpresa diante da referida situação.

Este enunciado apresenta um conjunto de características:

- em primeiro lugar, centramo-nos em t^o , no constatado;
- em segundo, o fato de se constatar algo instaura, simultaneamente, t^i , i.e. a existência de algo, da situação vivenciada à qual se atribui a qualidade de ser *ruim*;
- em terceiro, esta existência contrapõe-se à sua não existência discursiva anterior.

O exemplo *Um jovem, de 21 anos, foi preso após gritar “sujou” para alertar comparsa ao avistar a Polícia Militar, em Montes Claros, no Norte de Minas*, no qual se relata um acontecimento, é exemplar para que se entenda o que está em jogo nesse emprego do PPS.

Neste relato, é dito que se grita *sujou* face à “chegada da PM”, situação com a qual se

¹⁷ Em Romero (2021), tratamos da construção ergativa como resultante de uma confluência de fatores, um deles relacionado ao próprio emprego do PPS.

depara o jovem, que o pega de surpresa e não lhe convém. Como dito, o enunciado *sujou* instaura a existência de uma dada situação ao lhe atribuir a propriedade *ruim*, ao qualificá-la como *não apropriada, não conveniente*.

Das características acima apontadas, mencionamos ainda que esta existência proclamada contrapõe-se a uma não existência discursiva anterior. Isso significa que a existência da referida situação não recupera a existência de uma situação anterior, que poderia ser qualificada de *boa* (*apropriada, conveniente*): simplesmente, a única situação que vem ao caso ou que se vê validada é aquela cuja existência é instaurada por meio do enunciado e que é qualificada como *ruim* (*não apropriada, não conveniente*), entre outras possibilidades.

Logo, diferentemente das configurações ② e ③, não há *antes* e *depois* de ordem temporal: há uma situação que se constata, constatação que lhe confere existência face à sua inexistência anterior, o que denominamos *proclamar existência*¹⁸.

Examinemos agora o exemplo abaixo:

- (6) – *Passo pra te apanhar às 22h.*
 – *Fechou!*

Nesta interação, o enunciado *Fechou!* interpreta-se como uma resposta do locutor à proposta que lhe é feita, no caso, a de ser apanhado às 22h. Com esta resposta, o locutor exprime estar de acordo com a proposta feita. De certo modo, o verbo “fechar” no PPS elabora a representação de que se tem assunto *encerrado, concluído*, de que não há necessidade de se ir adiante porque a proposta apresentada é firmada.

No que diz respeito ao emprego do PPS, verifica-se o mesmo movimento descrito no enunciado anterior: apresenta-se ao locutor uma determinada situação, neste caso, a relacionada à proposta que lhe é feita durante a conversa. *Fechou!* centra-se, portanto, no que é dito em *t*^o (*a proposta feita*) para lhe conferir a existência de *dito firmado*. Mais precisamente, o fato de se constatar algo, de se deparar com um dito que, até então, é apenas uma proposta, instaura, simultaneamente, *t*ⁱ, i.e. a existência de um dito firmado.

Nesta mesma ordem de fatos de língua, vejamos agora o exemplo seguinte:

- (7) *Sextou!*

Este enunciado exprime um intervalo de tempo que, ao consistir no próprio intervalo

¹⁸ Culioli, em suas obras, faz frequentemente referência à *predicação de existência*, que ocorre por meio de diferentes agenciamentos enunciativos. Mencionemos, aqui, uma destas passagens nas quais o autor menciona a *existência*: “[Quero lembrar] alguns pontos fundamentais: para ter um enunciado, vocês partem de uma relação predicativa, que vocês situam com relação a um sistema de coordenadas, que comporta, entre outros, dois parâmetros. Um dos dois é T, para “espaço-tempo”; ele está relacionado a um *quantum*, a uma ocorrência que se produz: é preciso um recorte [*tranche*, no original] de espaço-tempo para que isto se produza (é a via da existência também). O outro é S, que remete a representações de ordem propriamente subjetiva, e entre outras, a qualificações” (CULIOLI, 2018, p. 191). Falamos em “*proclamar existência*” apenas para evidenciar um movimento próprio ao PPS que vimos tentando descrever, sem nenhuma outra intenção que não seja esta.

em que ocorre o enunciado e ao qual se faz referência, se manifesta em t^o e, simultaneamente, adquire existência em t^i , e isto ao ser qualificado pela propriedade *ser sexta-feira* que lhe é atribuída. Vale notar que, como propriedade, *sexta-feira*, mais do que ser apreendido como um dia da semana, simboliza o início de um período de lazer.

Aliás, é bem o que se tem na canção “Domingou”, de Gilberto Gil, do clássico álbum *Domingo no parque* (1968), e que expressa uma alegria sem fim, como vemos em (8). Nos dias atuais, também se encontra o emprego de *Domingou!*, desta vez em referência mais a um “ficar à toa”, um prazer tranquilo, em oposição, talvez, à intensidade de prazer que tende a representar *Sextou!*

(8) *Domingou*

*Da janela a cidade se ilumina
Como nunca jamais se iluminou
São três horas da tarde, é domingo
Na cidade, no Cristo Redentor, é, é
É domingo no trolley que passa
É domingo na moça e na praça
É domingo, é, é, domingou, meu amor
[...]
Olha a rua, meu bem, meu benzinho
Tanta gente que vai e que vem
São três horas da tarde, é domingo
Vamos dar um passeio também, é, é
O bondinho viaja tão lento
Olha o tempo passando, olha o tempo
É domingo, outra vez domingou, meu amor.*

Enunciados como estes que acabamos de apresentar são construídos com o verbo na 3ª pessoa do singular sem que se admita a introdução de um pronome (*isso, ele, ela*) como sujeito sintático. Inúmeros exemplos poderiam ser mencionados além destes, tais como *Lacrou!*¹⁹, *Partiu!*²⁰, entre outros. No entanto, optamos, a seguir, por analisar outro exemplo que, a nosso ver, ilustra igualmente a configuração (3). O primeiro deles é:

(9) *Bateu uma fome (um sono)!*

¹⁹ Extraído de *Terra*. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/diversao/musica/baladice/15-momentos-em-que-anitta-lancou-moda,c6884d3ac3b71b9253ed4c67770fa42fn47h3y58.html>>. Acesso em: 15 nov 24

²⁰ Ver Romero (2020).

Neste caso, o enunciado descreve uma situação na qual se tem o locutor tomado por um estado de fome ou de sono.

No que se refere ao modo como se dá o agenciamento deste enunciado, de natureza descritiva, deve-se mencionar que o termo *uma fome* (e isso é válido para *um sono*) não pode ser anteposto ao verbo. Não acreditamos ser possível dizer *Uma fome (um sono) bateu!*²¹ Esta dificuldade, ao que nos parece, seria explicada pelo seguinte motivo: este termo não tem como ser considerado sujeito sintático.

Sobre esta característica da construção, ela sustenta o movimento descrito na configuração ③. Ao dizer *Bateu uma fome (um sono)!*, exprime-se a manifestação de uma sensação da qual o corpo é sede no exato instante em que esta ocorre, sensação cuja existência em *t*ⁱ é dada pelo próprio sentir, i.e. pelo fato de existir um corpo, digamos, “alterado” pela sensação.

Para uma melhor compreensão do que buscamos explicar, comparemos este enunciado com:

(10) *Bateu.*

Empregado comumente em situações em que se faz referência ao uso de substâncias psicoativas, este enunciado exprime o efeito verificado no organismo quando a substância provoca, no sistema nervoso, o esperado, ou seja, o fato de se ter *estado (emocional, comportamental)* alterado. Do ponto de vista do PPS, ao produzir este enunciado, exprime-se exatamente o que apontamos antes: a manifestação de uma sensação em *t*^o cuja existência em *t*ⁱ é dada pelo próprio sentir, pelo organismo qualificado de *alterado*.

Se voltarmos ao enunciado (9) *Bateu uma fome (um sono)!*, o termo *uma fome (um sono)* seria compreendido, não como um argumento do verbo, mas como um elemento que contribui para especificar a cena descrita: o organismo alterado existe, isto é *estado de fome (sono)*. No enunciado, o verbo “bater” relaciona-se, ademais, à construção de uma representação na qual o locutor não tem controle sobre a manifestação da sensação que lhe advém.

De Vogüé (2014) faz uma importante colocação acerca da natureza de determinados enunciados descritivos ao mencionar, justamente, estruturas sintáticas que não se enquadram em:

[...] esquemas sintáticos organizados com base no princípio da predicação categórica ou da transitividade actancial. [...] no plano empírico, pensamos em frases impessoais (*Il pleut des cordes* [Está chovendo muito]) nas quais é, no mínimo, difícil isolar um sujeito; pensamos também em frases com elementos separados, pospostos ou antepostos, possivelmente múltiplos, cuja função é definir enquadramentos ou localizar entidades referenciais, segundo uma lógica de ordenação baseada na inclusão e não mais nas relações actanciais, com núcleo verbal reduzido, em que pode se tornar difícil reconstituir uma

²¹ E, ressalte-se que não estamos tratando aqui de “A fome bateu”, que consiste em outro enunciado.

ordem bipartida ou tripartida²² [...]. (De Vogüé, 2014, p. 158).

Pensamos que há muito o que se dizer sobre este tipo de construção em PB e sobre o papel que nela adquire o PPS.

Se falamos em *proclamar existência* como uma característica do movimento que se configura em ③, é por verificarmos, nestes empregos, uma operação que consiste em fazer com que algo exista, tenha uma realidade efetiva e certa para o sujeito: uma “situação não apropriada, não conveniente, ruim”, como em *Sujou!*, um “dito firmado”, como em *Fechou!*, para retomar apenas estes exemplos. E, igualmente importante, esta existência proclamada não implica anterioridade temporal, *i.e.* não implica que, ao adquirir existência, se possa exprimir um “antes” que faça referência a uma “situação apropriada, conveniente, boa” ou a um “dito não firmado”. Em suma, não existe *antes*.

3 Conclusão

São inúmeros os casos em que o emprego do PPS nos chama a atenção, exemplos oriundos de diferentes esferas, como o que caracteriza a brincadeira *Sumiu... Achou!*, absolutamente corriqueira no universo de aquisição da linguagem e que evidencia o fato de se elaborar a existência do *sumido/achado*²³ ou como o que se observa na parlenda *Lá em cima do piano tem um copo de veneno, quem beber morreu...*; exemplos como *Deu.*, que, entre as inúmeras possibilidades interpretativas mobilizadas, citamos a que elabora o que se aproxima de um *Basta!*, quando por meio dele, se põe um fim a uma discussão em curso. E isso para não falar de construções paratáticas como *Bobou, dançou!*, *Bateu, levou!*, *Mandou, chegou* ou *Girou, ligou, ganhou*, estas duas últimas associadas a marcas empresariais. Nestas várias ilustrações, acreditamos se verificar a operação descrita na terceira configuração, ainda que associada a outros fenômenos a serem precisados – referimo-nos, aqui, especificamente às construções paratáticas – e que resultam nas representações elaboradas.

Culioli, na abertura de seu trabalho publicado na Revista *Langue Française*, em 1974, indaga a Linguística que até então se fazia sobre o que, hoje, denominamos língua em uso:

[...] a linguística sempre teve como um de seus temas o estudo da linguagem, mas onde está a atividade de linguagem em tantas análises estáticas de fenômenos arbitrariamente compartimentados, nas correspondências que a gramática (seja ela geral ou contrastiva) estabelece de língua para língua sem se preocupar com a origem e o fundamento das categorias com as quais opera, na milagrosa separação entre o cognitivo e o afetivo que fundamenta a maioria dos estudos sintáticos?

A linguística proclamou igualmente que pretendia se libertar do domínio da palavra escrita [...]. Mas, em gramática, tudo se passa como se continuássemos a desconfiar do oral, com suas restrições específicas, e do falado, quero dizer, da língua real em que estamos imersos. (Culioli, 1999b [1974])

²² A respeito de *Propositions bipartites, tripartites et pluripartites*, ver De Vogüé (2014, p. 157).

²³ Ver Romero (2021), em que discutimos a diferença entre *Quebrou o vaso*, forma ergativa, e *Quebrou!*, em que se elabora exclusivamente a existência do *quebrado* no instante em que se produz o enunciado.

Muita mudança aconteceu no campo nestes últimos cinquenta anos e, no Brasil, os próprios títulos de nossas obras gramaticais atestam isso, como se vê em *Gramática de Usos do Português* (Neves, 2000) ou na já citada *Gramática do Português Culto falado no Brasil* (Ilari, Neves, 2008), embora, evidentemente, a mudança esteja para além dos títulos. No entanto, ainda acreditamos existir compartimentação de fenômenos, não necessariamente arbitrária, mas dificultada pela própria complexidade de se compreender a atividade de linguagem.

Nos enunciados por nós examinados e que exemplificam os três movimentos, há fenômenos imbricados, que envolvem, por exemplo, a construção sintática, mas não só.

Poderíamos pensar, por exemplo, que a forma ergativa tende a solicitar um dado funcionamento do PPS, mas não sabemos a que ponto se trata apenas de falar em uma relação de *causa-efeito*. Afinal, ainda que sustentemos que o que se conhece por forma ergativa não possa ser visto como uma forma alternante (Romero, 2021), quando se verifica uma tendência a se postular a alternância (*O menino quebrou o vaso/O vaso quebrou*), utiliza-se o PPS. Observaríamos várias restrições de uso se, no exemplo, conjugássemos o verbo no presente (*O menino quebra o vaso/O vaso quebra*), já que *O vaso quebra* tende a ser interpretado como uma propriedade do vaso: o vaso é passível de quebrar, *o vaso é quebrável*. Isso poderia nos fazer inverter o raciocínio inicial: é o PPS que teria um papel fundamental na construção de uma “possível” interpretação da alternância.

Este é apenas um dos fenômenos a serem destacados. Há, logicamente, a questão da valência verbal, que, como bem dizem Ilari e Basso, se fosse “[p]ara sermos coerentes com a idéia de que o número de argumentos é uma característica fundamental do verbo, teríamos talvez que falar em verbos diferentes” (Ilari, Basso, 2008, p. 192). Ora, não se trata, no posicionamento teórico por nós assumido, de diferentes verbos “sujar” em *A roupa sujou!/Sujou!*. Não temos um estudo sobre este verbo em particular, mas os estudos que temos realizado no campo²⁴ mostram que as construções oriundas de um determinado verbo, se elas sem dúvida alguma contribuem para diferenciá-lo de outra unidade verbal, não são o que definem a sua identidade semântica, identidade esta que está em jogo quando se produz um enunciado como *Sujou!* ou *Deu.* (interpretado como *Basta!*). Isso implica, também, repensar explicações pautadas no conceito de verbo suporte ou verbo leve.

Desnecessário dizer que as análises que apresentamos estão longe de se mostrarem acabadas. Esperamos, contudo, que elas venham a ser levadas em consideração, acerca do tema, como uma contribuição para se refletir sobre a atividade de linguagem.

Agrademos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, pelos auxílios que contribuíram para este estudo.

²⁴ Ver Romero (2018b, 2019). Ver ainda importante pesquisa de Saunier (1996) em torno de verbos ditos altamente polissêmicos em língua francesa. Muitos outros trabalhos, que problematizam a identidade semântica de unidades de diferentes naturezas e em línguas diversas, no âmbito da Teoria das Operações Enunciativas, poderiam ser citados, mas destacamos o estudo de Saunier por ser um dos primeiros direcionados a unidades lexicais que, como explica a própria autora, “distinguem-se pela variedade de suas propriedades sintáticas e diversidade dos campos conceituais em que os encontramos [...]” (Saunier, 1996, p. 2).

Referências

- Costa, S. B. B. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 2002.
- Culioli, A. *Pour une linguistique de l'énonciation : opérations et représentations*. Paris : Ophrys, 1990.
- Culioli, A. *Pour une linguistique de l'énonciation : formalisation et opérations de repérage*. Paris : Ophrys, 1999a.
- Culioli, A. *Pour une linguistique de l'énonciation : domaine notionnel*. Paris : Ophrys, 1999b.
- Culioli, A. *Pour une linguistique de l'énonciation : tours et détours*. Limoges : Lambert-Lucas, 2018.
- Cunha, C.; Cintra, L. *Nova gramática do português contemporâneo*, 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- De Vogüé, S. Invariance culiolienne: l'exemple du passé, entre passés, parfaits et passages. In: Ducard, D.; Normand, C (Dir.). *Antoine Culioli : un homme dans le langage*. Paris : Ophrys, p. 302-331, 2006.
- De Vogüé, S. Effets sémantiques, syntaxiques et énonciatives du jeu entre quantité et qualité, *LINX*, Numéro 70-71, p. 141-163, 2014. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/linx/1575>>. Acesso em: 25 nov 2024.
- Ilari, R.; Basso, R. O verbo. In: Ilari, R.; Neves, M. H. M. N. (Org.) *Gramática do português culto falado no Brasil: classe de palavras e processos de construção*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, p. 163-365, 2008.
- Romero, M. *Léxico e enunciação: sistematização do funcionamento verbal*, Relatório Científico ano II, São Paulo, FAPESP (processo 2013/07572-0), 2016.
- Romero, M. Étude des phénomènes morphosyntaxiques, sémantiques et discursifs liés à l'acquisition du temps verbal prétérito parfait simple en portugais brésilien. *Cahiers de praxématiques*. Numéro 70, p. 1-15, 2018a. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/praxematique/4754>>, Acesso em 25 nov 2024.
- Romero, M. À propos de modes de signifiante : le littéral et le figuré revus par le jeu notionnel. In: Bédouret-Larraburu, S.; Copy, C. (Org.). *L'épilinguistique sous le voile littéraire. Antoine Culioli et la TO(P)E*. Pau, France : PUPPA, p. 289-318, 2018b.
- Romero, M. Teoria das Operações Enunciativas. In: Romero, M. et al. *Manual de Linguística: Semântica, Pragmática e Enunciação*. Rio de Janeiro: Vozes, p. 175-228, 2019.
- Romero, M. « Partiu! » en portugais brésilien: contribution à l'étude du processus de créativité linguistique. In : Raineri, S. et al. (Dir.) *La correction en langue(s). Linguistic correction/Correctness*. Paris : PU Paris Nanterre, p. 177-191, 2020.
- Romero, M. La représentation métalinguistique de l'alternance ergative en portugais brésilien : hypothèses descriptives. In : Dufaye, L. ; Gournay, L. (Dir.) *Épilinguistique, métalinguistique. Discussions théoriques et applications didactiques*. Limoges : Lambert-Lucas, p. 197-218, 2021.
- Romero, M. Aquisição do Presente do Indicativo em português brasileiro sob a ótica da Teoria das Operações Enunciativas: estudo preliminar. *Estudos da Língua(gem)*, v. 20, número 1, p. 91-113, 2022. Disponível em:

<<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/12068>>, Acesso em 25 nov 2024.

Romero-Lopes, M. C. Gramática operatória e ensino de línguas. In: Rezende, L. M., Massini-Cagliari, G., Barbosa, J. B. (Org.) *O que são língua e linguagem para os linguistas*. Série Trilhas Linguísticas. Araraquara: FCL-Unesp Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 85-99, 2007.

Saunier, E. *Identité lexicale et régulation de la variation sémantique*. Contribution à l'étude des emplois de *mettre*, *prendre*, *passer* et *tenir*. Tese (Doutorado em Linguística) – Université de Paris X, Nanterre, 1996, 476f.

Recebido em: 30/11/2024

Aceito em: 27/01/2025